

## O processo de alfabetização de crianças com deficiência visual mediante a audiodescrição de textos multimodais (tirinhas)

Francisca Risolene Fernandes <sup>1</sup>   
Universidade Federal do Ceará

Francisca Genifer Andrade de Sousa <sup>2</sup>   
Universidade Estadual do Ceará

**Resumo:** A inclusão escolar estipula que todas as crianças tenham as suas especificidades consideradas no processo de ensino-aprendizagem, tal modo que a deficiência, seja ela física ou intelectual, não se torne empecilho ao desenvolvimento intelectual. Partindo desse entendimento, o objetivo deste estudo é investigar como os profissionais que atuam na sala regular e na sala multifuncional de ensino realizam a leitura dos textos multimodais para alfabetizar crianças com deficiência visual. Assim, será possível perceber como esses profissionais fazem uso da audiodescrição como suporte ao ensino para crianças com deficiência visual. A pesquisa de abordagem qualitativa envolveu professores do Ensino Fundamental vinculados à rede municipal de Horizonte-CE, pessoas com deficiência visual inseridos na sociedade, e uma consultora em audiodescrição, e foi desenvolvida entre os meses de maio e junho de 2021. Constatou-se que nem todos os professores estão aptos a realizar audiodescrição com deficiente, isto é, capaz de adequar a mensagem escrita ao público com deficiência visual, o que aponta para a necessidade de formação inicial e continuada que subsidie a classe docente nessa tarefa.

**Palavras-chave:** Inclusão; Atendimento Educacional Especializado; Audiodescrição.

### *The literacy process of visually impaired children through the audiodescription of multimodal texts (comic strips)*

**Abstract:** School inclusion stipulates that all children have their specificities taken into account in the teaching-learning process, so that their disability, whether physical or intellectual, does not become an obstacle to their intellectual development. Based on this understanding, the aim of this study is to investigate how professionals who work in the regular classroom and in the multifunctional teaching room read multimodal texts to literate children with visual impairments. In this way, it will be possible to see how these professionals use audio description to support teaching for visually impaired children. The qualitative research involved elementary school teachers linked to the municipal network of Horizonte-CE, visually impaired people inserted in society, and a consultant in audio description, and was carried

<sup>1</sup> Mestranda em Artes pelo Programa de pós-graduação em Artes (Prof-Artes) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Alfabetização e Multiletramentos; em Gestão Pedagógica da Escola Básica; e em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9017-2142>, e-mail: [profarisolenefernandes@gmail.com](mailto:profarisolenefernandes@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Graduada em Pedagogia pela mesma universidade (2017). Professora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), vinculada à Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI).  ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8280-3250>, e-mail: [geniferandrade@yahoo.com.br](mailto:geniferandrade@yahoo.com.br)

*out between the months of May and June 2021. It was found that not all teachers are able to perform audiodescription with disabilities, that is, they are able to adapt the written message to the visually impaired public, which points to the need for initial and continuing training to support teachers in this task.*

**Keywords:** *Inclusion; Specialized Educational Assistance; Audiodescription.*

## ***El proceso de alfabetización de niños con discapacidad visual a través de la audiodescripción de textos multimodales (cómic)***

**Resumen:** *La inclusión escolar estipula que todos los niños tengan sus especificidades en cuenta en el proceso de enseñanza-aprendizaje, de modo que la discapacidad, ya sea física o intelectual, no se convierta en un obstáculo para el desarrollo intelectual. Partiendo de esta premisa, el objetivo de este estudio es investigar cómo los profesionales que trabajan en el aula ordinaria y en la sala de enseñanza multifuncional leen textos multimodales a niños alfabetizados con discapacidad visual. De este modo, será posible ver cómo estos profesionales utilizan la audiodescripción para apoyar la enseñanza a niños con discapacidad visual. La investigación cualitativa contó con la participación de profesores de enseñanza primaria vinculados a la red municipal de Horizonte-CE, personas con discapacidad visual que forman parte de la sociedad y un consultor en audiodescripción, y se llevó a cabo entre mayo y junio de 2021. Se constató que no todos los profesores son capaces de realizar la audiodescripción con discapacidad, es decir, son capaces de adaptar el mensaje escrito al público con discapacidad visual, lo que apunta a la necesidad de formación inicial y continua para subvencionar a los profesores en esta tarea.*

**Palabras-clave:** *Inclusión; Asistencia educativa especializada; Audiodescripción.*

## 1 INTRODUÇÃO

A Educação Especial perpassou por três momentos históricos até chegar à Educação Inclusiva de hoje: o primeiro momento foi na idade média, marcado por muitos preconceitos, as pessoas com deficiência eram vistas como doentes, loucos, impuras, pecadoras, bruxas, demônios e era comum o infanticídio (BIANCHETTI, 2000). Obtendo melhoras significativas com o advento do Cristianismo, que passaram a ser reconhecidas como criaturas de Deus, e no Renascimento, que começaram a pensar sobre os direitos humanos e principalmente das pessoas com necessidades especiais. A partir desse período, segundo Jimenez (1994), surgem os primeiros interessados em assuntos sobre as deficiências em geral, como: Bauer (1443-1485); Valentin Haüy (1746-1822), dentre outros autores. Nota-se que já começou a se desmitificar o pensamento da idade média, em que generalizava todas as deficiências como incapazes de aprender e ser útil para a sociedade. O segundo, criou em Paris um instituto para crianças cegas, em 1784. Era discente do Instituto O Cego Louis Braille (1806-1852), criou o sistema de leitura e escrita conhecido por Braille, sistema organizado pelo arranjo de seis pontos em relevo, que por ser tátil, facilita o entendimento de 63 combinações ou símbolos pela população com deficiência visual (BIRCH, 1993).

Vale destacar que nesse período, grandes personalidades famosas foram vistas como pessoas com deficiência, como: Luís de Camões, que perdeu um dos olhos em uma luta; Galileu Galileu, que ficou cego no final da vida; Johannes Kepleer, que aos quatro anos passou a ser deficiente visual, causado por Sarampo; Ludwing Von Beethovem que no final da vida ficou surdo; Antônio Francisco Lisboa, “O Aleijadinho”, vítima possivelmente de uma tromboangite obliterante. Diante dos fatos aqui discorridos, observa-se que isto tenha contribuído para o avanço voltado para a inclusão das pessoas com deficiências na educação, visto que essas pessoas se tornaram deficientes em virtude de alguma doença. Assim, houve novas percepções acerca das necessidades especiais, já que se desconstruiu o pensamento infundável da época anterior, pois qualquer pessoa pode se tornar deficiente ou nascer com alguma deficiência, sem ser rotulado, ou seja, é um acometimento comum, e por ter alguma limitação não significa que sejam incapazes intelectualmente.

Iniciativas voltadas para a educação especial começaram no segundo momento da História da Educação, que ficou conhecida como a era das instituições ou fase de segregação institucional, que compreendeu do final do século XVIII ao começo do século XIX. As instituições, geralmente, eram igrejas e tinham permissão do governo para funcionar voluntariamente, sem nenhum tipo de ajuda governamental (CARMO, 1991). Mesmo as pessoas com deficiência sendo segregadas, discriminadas, excluídas da sociedade, podemos dizer que subimos mais um degrau rumo ao avanço dos direitos das pessoas com deficiência, porque mais tarde foram traçados novos pensamentos voltados para a educação inclusiva e, com o desenvolvimento científico e tecnológico, abriu-se procedência para a criação de escolas para deficientes na tentativa de adequar métodos para ministrar aulas para alunos com deficiência, porque antes eles eram apenas separados das pessoas ditas “normais” com intuito de protegê-las.

Desde a década de 1990, as pesquisas em educação especial têm enfatizado a inclusão, que é considerada a 3ª fase da educação especial. Determinando que todas as crianças façam parte do mesmo contexto escolar, participando das mesmas atividades, adaptadas de acordo com a necessidade de cada criança, como foi muito bem explanado na Declaração de Jomtien – Conferência Mundial sobre a educação para todos dentre outros documentos oficiais. No artigo 3, parágrafo 5º “as necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiência requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de toda e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo”, oportunizando-as o processo de alfabetização. Como é definido por Soares (2005, p.24)

O termo alfabetização designa o ensino e a aprendizagem de uma tecnologia de representação da linguagem humana, da escrita alfabética-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e de procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação, quanto as capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

Observa-se que a aprendizagem do sistema alfabético perpassa por várias etapas e, com as crianças com deficiência, requer novas estratégias de ensino, empatia do professor,

adequação da língua materna delas para atender cada especificidade. E uma delas é audiodescrição, tão importante para o processo de ensino aprendizagem das crianças cegas.

Neste trabalho, objetiva-se investigar como os profissionais que atuam na sala regular e na sala multifuncional de ensino realizam a leitura dos textos multimodais para alfabetizar crianças com deficiência visual, de tal modo a perceber como esses profissionais fazem uso da audiodescrição como suporte ao ensino para crianças com deficiência visual.

## 2 METODOLOGIA

O estudo é de abordagem qualitativa, tendo em vista que o intuito é a análise dos resultados segundo o seu significado, e não a sua quantificação (MINAYO, 2007). Como aborda Teixeira (2005), nas pesquisas de caráter qualitativo o pesquisador visa compreender e problematizar sobre um fato ou acontecimento, diminuindo, dessa forma, a distância entre pesquisador e objeto (s) de estudo, o que, por sua vez, oportuniza estreito diálogo entre os sujeitos. Assim, ao pesquisador não basta a coleta dos dados e a sua exposição de modo estatístico; este deve se empenhar em “compreender as circunstâncias que rodeiam determinada prática, aproximando-se dos sujeitos envolvidos, proporcionando observar especificidades e pormenores invisibilizados em pesquisas quantitativas e macrossociais” (SOUSA, 2017, p. 49).

Os sujeitos são variados e envolvem três distintos grupos, a saber: professores da sala regular de ensino, profissionais da sala multifuncional, pessoas com deficiência visual inseridas na sociedade e, ainda, conta com a participação de uma consultora em audiodescrição. Todos eles foram contatados no íterim do mês de maio e junho de 2021, e foram selecionados por manterem alguma aproximação com a deficiência visual, seja nas suas atuações docentes ou vivenciando a referida deficiência. Os participantes têm em comum a situação espacial, pois todos, com exceção da consultora, trabalham no município de Horizonte-CE, região metropolitana de Fortaleza, lócus escolhido para o estudo por ser onde uma das autoras reside e atua na educação. Vale destacar que a consultora reside em outro município, visto que em Horizonte não havia profissionais de consultoria em audiodescrição.

Os primeiros contatados foram três professores da sala regular de ensino, que já ensinaram crianças com deficiência visual; os segundos foram três profissionais da sala multifuncional que atendem crianças com deficiências, porém, um deles se recusou a responder a pesquisa, alegando nunca ter trabalhado com crianças cegas e; por último, quatro cidadãos horizontinos com deficiência visual, que vivem e interagem com a sociedade, sendo três pedagogos, mas somente um exerce a profissão de docente. Os professores foram localizados mediante investigação junto aos docentes vinculados à secretaria municipal de Horizonte, que ao serem questionados sobre professores que atuavam na sala de aula regular com deficientes visuais ou na sala multifuncional, apontaram alguns nomes; e as pessoas com deficiência visual foram localizados através da busca de uma das autoras na própria cidade lócus do estudo, sendo todos os participantes contactados via *Whatsapp*.

Como procedimento de coleta de dados, primeiramente, junto aos professores da sala de aula regular e aos da sala multifuncional, foi enviada, mediante *whatsapp*, a seguinte tirinha, do cartunista Maurício de Sousa, para que eles fizessem uma audiodescrição:



**Figura 1** – Tirinha para audiodescrição  
**Fonte:** Maurício de Sousa (1999).

Concluída essa primeira etapa, as audiodescrições realizadas pelos cinco profissionais da educação foram encaminhadas para as quatro pessoas com deficiência visual para que eles analisassem os áudios descritos sob o intuito de identificar qual deles apresentou a comunicação mais eficiente, para ser ministrado nas turmas de alfabetização. Os áudios

também foram encaminhados para uma consultora em audiodescrição que também é cega, para serem analisados e posteriormente observarmos as duas percepções. Estes realizaram a análise de cada uma das audiodescrições mediante áudios encaminhados via *whatsapp*. Tais dados são utilizados na íntegra no decorrer das discussões deste estudo.

No que toca aos aspectos éticos, foi assegurado o anonimato a todos os dez participantes colaboradores, que não terão as suas identidades aqui divulgadas. Estas serão substituídas por: Professor da sala de aula multifuncional 1 (PSM01); Professor da sala de aula multifuncional 2 (PSM02); Professor da sala de aula regular 1 (PSR01); Professor da sala de aula regular 2 (PSR02); professor da sala de aula regular 3 (PSR03). Os participantes com deficiência visual DV01, 2, 3 e 4, audiodescrição AD e para consultora em audiodescrição CAD, seguindo a ordem com que procedeu a coleta dos dados.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com vistas à melhor organização textual e compreensão leitora, os resultados e as discussões do estudo encontram-se organizadas em três seções: 3.1. Audiodescrição, na íntegra, dos profissionais da sala multifuncional e professores da sala de aula regular; 3.2. Feedbacks das pessoas com deficiência visual acerca da eficiência das audiodescrições; e 3.3. Análise da consultora em audiodescrição, que por sua vez utiliza três parâmetros: locução (tom da voz, adequação da voz, velocidade da voz); língua (padrão, adequação, vocábulo) e a audiodescrição (clareza e extensão).

#### 3.1. Audiodescrição, na íntegra, dos profissionais da educação

Vejamos a Audiodescrição do PSM01:

“Bom, temos uma tirinha para a gente visualizar. Primeiro são quadros, com dois personagens muito conhecido de vocês, que é o Cebolinha e a Mônica. A tirinha está em preto em branco, mas com certeza vocês sabem que o vestidinho da Mônica é vermelho que a diferencia dos demais. No primeiro quadrinho, visualizamos somente o tronco, pescoço, ombro e a cabeça da Mônica, e ela desanimada fala: mas porque você não quer mais brincar de casinha comigo Cebolinha? No segundo quadrinho temos o ambiente mais complexo, com uma

sala, numa casa, a Mônica com uma maleta, Cebolinha com um avental e um espanador, espanando um móvel, um carrinho de bebê dormindo, no caso o bebê é o coelho da Mônica e aí o Cebolinha responde: adivinha”.

#### Agora, a Audiodescrição do PSM02:

“Temos uma tirinha com dois quadros, com os personagens: Mônica, Cebolinha e o coelho da Mônica. A gente sabe que essa tirinha é do Mauricio de Sousa pelos personagens serem bem conhecidos, e também por está escrito com nota de rodapé, com o nome de Mauricio de Sousa, edição limitada e todos os direitos reservados. No primeiro quadrinho é um quadro que está em preto e branco, temos a cabeça da Mônica e ela está perguntando ao Cebolinha o seguinte: Mas porque você não quer mais brincar de casinha comigo, cebolinha. no segundo quadro, temos um ambiente em preto e branco, esse ambiente é mais complexo, onde a gente visualiza um fogão, uma cozinha. A Mônica chegando com uma maleta na mão. Como se ela viesse do trabalho. O Cebolinha de avental espanando os móveis, tem um carrinho de bebê com o coelho da Mônica. Ele responde muito chateado: adivinha. Tem um ponto de exclamação e a Mônica bem desanimada com a situação”.

Observa-se nas falas dos PSM01 e PSM02 que eles não obtêm formação para trabalhar com audiodescrição nos atendimentos especializados, pois eles falam quadros ao invés de quadrinhos, não menciona a quantidade de quadrinhos, diz que a tirinha é em preto e branco, parte do pressuposto que os alunos conhecem a Turma da Mônica, porque fala “com certeza vocês sabem que o vestido dela é vermelho”. Fala do corpo da Mônica debaixo para cima, que demonstra estranheza. Diz que a Mônica está desanimada, mas não fala da mudança de expressão da personagem no outro quadrinho. Descrevem o ambiente com complexidade, falam casa, mas na verdade parece ser um ambiente aberto, como um quintal. Não traz informação de que seja o Sansão, nem que é um coelho ou um brinquedo, acredita que os alunos já sabem da história e conhecem os personagens.

#### Audiodescrição do PSR01:

“Tirinha na horizontal, dois quadrinhos, preto e branco do cartunista Mauricio de Sousa. Mônica conhecida como a menina dentuça, geralmente usa vestido vermelho. Cebolinha, menino de cabelo espetado está usando um avental e um espanador. Sansão, conhecido como o coelho da Mônica, está dentro de um carrinho de bebê. Mônica chega com uma maleta na mão e pergunta: mas porque você não quer mais brincar de casinha comigo, Cebolinha? Com ar de tristeza. Cebolinha que está espanando os móveis responde: adivinha???”

#### Audiodescrição do PSR02:

“Vou relatar pra vocês a história em quadrinho da turma da Mônica. No primeiro quadrinho aparece a Mônica com o rosto demonstrando surpresa e falando as seguintes palavras para o Cebolinha: mas porque você não quer mais brincar de casinha comigo, Cebolinha? No segundo quadrinho aparece Mônica e Cebolinha fora de casa, como se fosse em um quintal, tendo alguns brinquedos representando a casinha deles, como fogão e panelas, um pequeno armário, um carrinho de bebê com o coelhinho da Mônica dentro, mostrando assim, que eles eram uma família e que o Sansão, o coelhinho da Mônica, era o bebê deles. O Cebolinha usando um avental, espanando o pequeno armário e respondendo à pergunta da Mônica: adivinha. E Mônica demonstrando através do seu rosto, desapontamento pela resposta”.

#### Audiodescrição do PSR0 3:

“Primeiro, a gente descreve a imagem da esquerda para a direita é sempre assim. E posteriormente de cima para baixo, é muito importante que venhamos informar cores e tonalidades e descrever os elementos numa sequência lógica, pra que ela entenda, utilizando sempre frases curtas, por exemplo: aí nessa tirinha, a Mônica diz para o Cebolinha... Primeiro ia explicar tudo que falei, depois ia dizer que a Mônica está falando: mas porque você não quer mais brincar de casinha comigo Cebolinha? Aí ela já ia entender que a Mônica chegou e o Cebolinha estava arrumando a casa, de imediato ela já ia começar a entender a história”.

Observa-se na fala dos participantes, que são professores da sala de aula regular da educação básica, um deles conseguiu mencionou as características dos personagens, mas só fala da expressão do Cebolinha, “ar de tristeza” PSR01. Outros, mais explicaram como faria do que elaborou a audiodescrição.

### 3.2. Feedbacks das pessoas com deficiência visual acerca da eficiência das audiodescrições

O primeiro, DV01, sobre a audiodescrição 1, asseverou: “Não gostei, a voz não é boa, a descrição não especifica e a voz não é firme”. Sobre a 2, disse que “precisa de mais firmeza na voz, mas a audiodescrição ficou boa. Acerca da terceira, sentenciou: “Sem palavras. Ficou top! Essa é a audiodescrição para cego. A mensagem sim, foi eficiente e muito bem descritiva, mesmo tendo sido muito sintética”.

Observamos, na análise desse sujeito, que ele observou a firmeza da voz e a descrição do ambiente para enriquecer a compressão dos elementos visuais presente no texto. Dos cinco áudios enviados para análise, ele não mencionou nada sobre a audiodescrição 4 e 5. Teceu comentários somente no tocante aos três primeiros, e selecionou o de número três como o mais eficiente.

Diante desta observação, podemos inferir duas proposições: primeiro, as audiodescrições não atingiram o propósito comunicativo, e ele não quis mencionar nada e/ou ouviu somente os três primeiros e escolheu o último. Observa-se que selecionou o áudio 3 pelo tom de voz, visto que dos dois primeiros, ele não gostou da voz, deixando subentendido que a voz e a descrição do ambiente são primordiais para a compreensão das pessoas com deficiência visual.

Sobre a primeira audiodescrição, o DV02 asseverou que “é bom, tem detalhes, mas foi descrito de uma forma muito mecânica, tão sem emoção que é sem graça ver aquilo que está sendo exposto. É preciso também mostrar nas palavras emoção, transmitir emoção nas palavras quando você descreve. Descrever de forma mecânica torna a cena desinteressante, e essa cena não se materializa na mente de quem não enxerga. Não se dá pra você entender, a ênfase naquilo que se fala, é muito interessante quando você dá ênfase naquilo que está fazendo. Quando você dá ênfase através das palavras, você está transmitindo emoção, vivacidade, como se você estivesse passando seus olhos para outra pessoa”.

Esse colaborador do estudo, ao analisar a audiodescrição 3, disse: “é boa, a entonação dela é muito boa, ela poderia fazer uma descrição de um filme, seria excelente pela entonação de voz, pena que seja muito sintética, não mostra tudo, mas a voz é boa para fazer uma audiodescrição”; e a respeito da audiodescrição 4, enunciou: “Essa é a melhor audiodescrição, porque descreve os fatos como estão na tela, como ela está vendo, descreve até emoções, detalhes que possibilita a visualização do quadro, ela coloca as informações necessárias dentro daquilo que ela está vendo, nada desnecessário, tudo que ela fala é relevante, descreve até emoções”.

Observa-se que esse sujeito excluiu as audiodescrições de números 2 e 5, ou seja, não mencionou nada sobre ela. Provavelmente não foram analisadas por não atingirem a eficiência comunicativa. Ao se referir à primeira audiodescrição, ele destacou como ponto

positivo os detalhes do ambiente, mas não gostou da voz por ser muito mecânica. Para a terceira, teceu muitos pontos positivos, como a exaltação da voz, a entonação e sugeriu que poderia aprimorar nos estudos do audiodescrição para fazer descrição de filmes, porém sentiu falta de mais descrição do ambiente. Escolheu, nessa perspectiva, a quarta audiodescrição como a mais adequada: “Essa é a melhor audiodescrição, porque descreve os fatos como estão na tela, como ela está vendo, descreve até emoções, detalhes que possibilita a visualização do quadro. Ela coloca as informações necessárias dentro daquilo que ela está vendo, nada desnecessário, tudo que ela fala é relevante, descreve até emoções”. Verifica-se que nessa análise ele não mencionou a voz, mas podemos interpretar que a voz é adequada, pois teceu muitos comentários positivos acerca dele, e por ele ter mencionado o quesito voz quando se referiu às audiodescrições anteriores.

Mais uma vez, a voz e a descrição do ambiente são componentes fundamentais para ministrar aulas para pessoas com deficiência visual, principalmente num contexto no qual a educação especializada às pessoas com deficiência demorou a ser tocada pela política nacional de educação, o que acarreta prejuízos à prática docente, que se desenrola sem formação em serviço para melhor atendimento às deficiências, bem como falta de recursos didáticos que auxiliem a amenizar as limitações (SANT'ANNA, 2010).

Em relação ao terceiro e ao quarto colaborador com deficiência visual, ambos selecionaram uma mesma audiodescrição, que na compreensão deles, foi o mais eficiente para a compreensão da leitura da pessoa com deficiência. Descartaram, nessa perspectiva, as quatro últimas audiodescrições e escolheram a primeira, elencando que foi a mais descritiva, como mencionaram os participantes com deficiência visual 3 e 4, nos respectivos trechos: “ele descreve tudo que fala na história, o ambiente, os objetos, as cores, descreve tudo”, “mais descritivo porque ele tem mais características da cena”.

Averigua-se que esses sujeitos foram muito sintéticos, direcionando a atenção somente para o ambiente, e não tecendo nenhum comentário em relação à voz, e excluindo as audiodescrições subsequentes. Diante desta situação, podemos fazer a seguinte indagação: será que o fator idade e a falta de experiência os levaram a selecionar a primeira audiodescrição?

Em termos gerais, ao nos debruçar analiticamente sobre o conteúdo das observações tecidas pelos participantes com deficiência visual em estudo, certificamos que todos destacaram o ambiente como parte fundamental para uma audiodescrição de qualidade, e somente dois deles direcionaram comentários para a entonação da voz e extensão da audiodescrição, fator que não desprivilegia os participantes que não mencionaram a voz, pois acreditamos que estejam inseridos implicitamente na percepção deles.

Assim, os fatores mais destacados pelas pessoas com deficiência visual, foram o quesito voz, descrição do ambiente e extensão da audiodescrição, aspectos que na percepção deles, facilitam a compreensão da leitura de pessoas com deficiência visual. Essa afirmativa é consoante ao que explicita Luiz Defendi (2011, p. 42) ao destacar ser “importante que a leitura seja clara e pausada, com entonação e emoção, para que a afetividade ganhe características mais prazerosas” e a imagem se torne clara na mentalidade da pessoa com deficiência visual. Corroborando essa discussão, Motta (2016) considera que a linguagem é uma invenção humana que nos permite ver por meio dos olhos de outras pessoas, inclusive os indivíduos cegos, e a AD cumpre esse papel, pois consiste em um instrumento de mediação das relações entre as pessoas e as coisas do mundo através da descrição ou tradução de imagens em palavras, construindo uma espécie de retrato verbal.

É notório, no presente estudo, ainda, que os participantes mais jovens e inexperientes foram os mais sucintos ao comentar a eficiência da comunicação das audiodescrições, enquanto o segundo sujeito, que é o mais idoso, teceu comentários com mais eficiência, talvez por exercer a profissão de professor para crianças cegas, enquanto os outros, são jovens, porém dois deles são pedagogos, mas nunca exerceram a profissão. Vale destacar que todos os participantes videntes aqui mencionados não têm formação em audiodescrição, mas atuam com a audiodescrição nas salas de AEE e/ou em sala de aula regular, e que executaram suas aulas de acordo com a percepção de cada um, ou seja, fazem uma audiodescrição no cotidiano, assim como também fizeram aqui, a audiodescrição dos textos, o que chamamos de audiodescrição emergencial.

### 3.3. Análise da consultora em audiodescrição em formação

A análise das audiodescrições foi realizada por uma consultora em audiodescrição, cega congênita, que utiliza três critérios e vários parâmetros para cada um deles, a saber: locução (tom da voz, adequação da voz, velocidade da voz); língua portuguesa (adequação padrão ou não padrão, escolhas dos vocábulos, eficácia comunicativa) e a audiodescrição (clareza e extensão).

Ao se debruçar sobre a primeira audiodescrição, a consultora reverberou os seguintes comentários: sobre a locução, o tom da voz é monotônico, fala de maneira clara, cadência lenta e tom audível bom. Para o critério língua, é adequada nos três parâmetros: (língua padrão, vocábulos e eficiência comunicativa). No parâmetro clareza, omitiu o nome de um dos personagens, usa afirmações super categóricas, mas conseguiu detalhar o ambiente, expondo corretamente os quadrinhos. Ressaltou todos os estados de espírito dos personagens, não usou entonação na leitura, ressalta estereótipo tradicional de família, esquecendo que os papéis desse conceito estão invertidos na tirinha e na sociedade. Além do mais, o professor, que no caso é o professor da sala multifuncional 1, faz algumas indagações, resumo, e dá respostas, que são questões necessárias para compreender o texto.

Em relação à segunda audiodescrição, no critério locução, verifica-se que há clareza na voz, mas o tom é monotônico, não mudou o tom da voz para expressar a exclamação. O nível da voz também é baixo. Para o critério língua, não adequou para a língua padrão e nem os vocábulos estão de acordo com a leitura do gênero tirinha, confunde quadrinho com quadros e tirinhas, mencionando na primeira tirinha, sendo que o texto só tem uma tirinha contendo dois quadrinhos, ou seja, ela titubeia. No parâmetro clareza, incluiu todos personagens, usa afirmações super categóricas, partindo da suposição de que as crianças já conhecem os personagens, visto que o trabalho é direcionado para crianças cegas e como as histórias em quadrinhos são visuais, pode ser que elas estejam estudando pela primeira vez essa tirinha. Faltou, ainda, um roteiro para a audiodescrição, tal modo que se parte do princípio de que elas estão fazendo a narração ou a locução livre, ou seja, estão olhando para a tirinha e fazendo a audiodescrição a partir da impressão delas, mas é natural que aconteça esse titubeio, devido à falta de tempo delas.

Ainda a respeito da segunda audiodescrição, a consultora percebe que o professor conseguiu detalhar o ambiente, expondo os quadrinhos, mas não fez um comparativo entre

eles, deixando informações do segundo quadrinho pela metade. Ademais, usou reflexões desnecessárias para a audiodescrição, não contextualizou informações dos quadrinhos, deixando subentendido que alguns objetos, os móveis que são espanados pelo Cebolinha surgiram do nada, cita fatos novos, como se tivesse sido citado antes.

No que toca à audiodescrição três, o tom da voz é cadenciado, já denota que vai contar uma história, o que é importante, e há impostação vocal mais alta. A velocidade da voz é um pouco rápida, mas não prejudica o entendimento do texto, e a locução foi excelente, muda o tom das frases, abre sinalização vocálica, faz uma locução mais adequada, mesmo sendo muito sintética. No critério língua, é adequada nos três parâmetros, com alguns desvios da língua padrão, erro de concordância nominal. A professora foi muito sintética, fez escolha de vocábulos muito pertinente, muito eficaz, mas falta algumas informações pertinente ao entendimento do texto imagético.

Para o critério audiodescrição, especificamente no que toca o parâmetro clareza, percorreu sobre todos os personagens, mencionou que a tirinha está na horizontal, traz detalhes dos personagens, mas não menciona todos os estados emocionais ou expressões faciais deles. Também não focaliza o ambiente, e faltou sinalização de início e fim. A professora usa um verbo de movimento, mesmo sendo desenho, mas isso significa que havia uma ação. No parâmetro extensão, foi muita sintética, rápida, resumida, poderia ter explorado mais o ambiente, basicamente ela resume os dois quadrinhos da tirinha ao invés de destrinchá-los.

No que concerne à audiodescrição quatro, para o critério locução, usa características lúdica apropriada para o público infantil, como se fosse contar uma história, a cadência da voz está excelente, altera a entonação da voz para realizar a leitura, diferenciando texto verbal e não verbal. No critério língua, alguns vocábulos repetidos, precisando de mais organização, troca dos tempos verbais, e merece mais organização no roteiro. Foi a audiodescrição que mais atingiu o propósito comunicativo. No critério audiodescrição, foi a única a mencionar que o ambiente é externo, como se fosse uma cozinha, descreve o ambiente com mais detalhe, sem exagerar na descrição do ambiente e sem ocultá-los, usa afirmações categóricas, que poderiam ser substituídas por metáforas. Descreveu o estado de ânimo dos personagens,

mas não descreve características físicas deles. Faltou algumas informações sobre o autor, mas que não prejudica o entendimento do texto.

Por último, acerca da quinta audiodescrição, a consultora analisou que a voz é monotônica e muito baixa. No critério língua, há uso inadequado do advérbio sempre. Para o critério audiodescrição: usa termos desnecessários, que ficou mais parecido com o pensamento de produzir um roteiro para posteriormente fazer a audiodescrição. A consultora em audiodescrição sentenciou: “Esse áudio foi o único que não atingiu a eficiência da comunicação, se ele fosse o primeiro áudio a ser ouvido por mim, eu não conseguiria entender, necessitaria de outro áudio, porque audiodescrição procura ler a imagem, procura com que a pessoa traga na leitura um significado a partir do que ela ouviu...Faz indagações desnecessárias”.

Diante dessas considerações feitas pela CAD, podemos observar que quase todas as audiodescrições atingiram o propósito comunicativo, mesmo sendo clara a necessidade de muitos fatores serem aprimorados para que tenhamos uma audiodescrição com mais eficiência. Há que se considerar que os participantes em estudo não têm conhecimento teórico e/ou prático sobre a audiodescrição e, assim como tantos outros professores que vivem a realidade escolar cotidiana, ao se depararem com alunos com deficiência visual, necessitam fazê-la de forma emergencial em sala de aula ou em sala multifuncional, uma vez que “os conteúdos escolares privilegiam a visualização em todas as áreas do conhecimento, de um universo permeado de símbolos gráficos, imagens, letras e números” (SÁ, et al, 2007, p. 13), restando ao professor encarar mais esse desafio inerente à sua prática.

Em face das dificuldades que emanam desde a formação inicial e permanecem na continuada, o intuito deste estudo não é menosprezar ou sentenciar pontos positivos e negativos de professor A ou B, mas, ao contrário, levantar questionamentos pertinentes aos cuidados com esses profissionais e com as crianças que necessitam de um atendimento especializado, principalmente no período de alfabetização.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do estudo foi investigar como os profissionais da educação inseridos na sala regular de ensino, bem como os que estão à frente da sala multifuncional, fazem a leitura dos textos multimodais para alfabetizar crianças com deficiência visual, averiguando como eles utilizam a audiodescrição no ensino, mesmo não sendo profissionais especializados em audiodescrição.

Mediante pesquisa qualitativa desenvolvida com deficientes visuais, com professores da rede municipal de ensino de Horizonte-CE, e com uma consultora em audiodescrição, observa-se que os participantes com deficiência visual, sem formação em audiodescrição, foram bastante assertivos, elogiando a voz, a descrição e a extensão. A maioria deles escolheu os mesmos áudios e apontou alguns dos quesitos semelhantes aos áudios escolhidos pela consultora. Vale destacar que, as observações da consultora, foram acrescidas de termos mais adequados para audiodescrição, possivelmente, por ter o conhecimento técnico. Os participantes com deficiência visual sinalizaram os termos mais importantes para comunicação, mas apenas isso, não os torna consultores, não significa que uma pessoa com deficiência visual, possa realizar consultoria sem obter a formação em audiodescrição. Mas a opinião deles é de grande importância para a validação comunicativa entre pessoas cegas e para contribuir na didática dos professores que estão ministrando aulas para alunos com deficiência visual.

Vale salientar a importância de ler os textos multimodais para as crianças em sala de aula, principalmente para aquelas que apresentam alguma dificuldade de visão e também é importante demonstrar técnicas de leitura para as crianças videntes, pois muitas vezes o texto imagético passa despercebido pelos discentes e pelas crianças, por isso, é necessário a sensibilidade do professor para realizar a audiodescrição desses textos, fator primordial para a compreensão do texto explanado em sala de aula.

Mais uma vez, ratifica-se que o intento deste escrito não é comparar as análises entre os participantes para criticá-los ou exaltá-los, mas explicitar as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação na interface com o atendimento especializado às pessoas com deficiência visual. Torna-se clara a necessidade de os governos brasileiros, nos âmbitos federal, estadual e municipal, investirem em formação continuada para a classe docente com vistas a melhor adequação desses profissionais para lidar com as singularidades que

compõem a realidade escolar, dentre elas as crianças com deficiência visual, que tanto necessitam da audiodescrição dos textos imagéticos para uma melhor aprendizagem, o que aponta para a indispensabilidade de incluir cursos de audiodescrição para os profissionais da educação para que, então, estes possam oportunizar a aprendizagem qualitativa da pessoa com deficiência visual.

## Referências

- BIANCHETTI, L. Aspectos históricos da educação especial. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 02, n. 03, p. 07-19, 1995. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65381995000100002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65381995000100002&lng=pt&nrm=iso). Acesso: 27 set. 2023.
- BIRCH, B. **Louis Braille**. São Paulo: Globo, 1993.
- CARMO, A. A do. **Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina**. Brasília: Secretaria dos Desportos/PR, 1991.
- DEFENDI, E. L. **O livro, a leitura e a pessoa com deficiência visual**. São Paulo: Fundação Dorina Dowill para cegos, 2011.
- JIMENEZ, R. B. **Necessidades educativas especiais**. Dinalivro: Lisboa, 1994.
- MAYER, F. **A importância das coisas que não existem: a construção e referenciação de conceitos de cor por pessoas com cegueira congênita**. 2016. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- MINAYO, M. C. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MOTTA, L. M. V. de M. **Audiodescrição na escola: abrindo caminhos para leitura de mundo**. Campinas, SP: Pontes, 2016.
- SÁ, E. D de.; CAMPOS, I. M de.; SILVA, M. B. C. **Atendimento Educacional Especializado**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.
- SOARES, B. M. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SANT'ANNA, L. A importância da audiodescrição na comunicação das pessoas com deficiência. In: MOTTA, L. M. V de M.; ROMEU FILHO, P. **Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos das Pessoas com Deficiência do Estado de São Paulo; 2010.

SOUSA, F. G. A de. **Irmã Elisabeth Silveira**: história e memória de uma freira educadora cearense (1943-1968). 2019. 186f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.

---

**Recebido em:** 20 de outubro de 2023.

**Aceito em:** 3 de novembro de 2023.

**Publicado online em:** 17 de novembro de 2023.